



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA



THAIS PESSOA CAMPOS

O Uso do Cinema como Fonte e no Ensino de História:

Uma Análise do Filme "Olga" (2004)

UBERLÂNDIA - MG

2026

THAIS PESSOA CAMPOS

**O Uso do Cinema como Fonte e no Ensino de História:
Uma Análise do Filme "Olga" (2004)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História, apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira

UBERLÂNDIA - MG

2026

**O Uso do Cinema como Fonte e no Ensino de História:
Uma Análise do Filme "Olga" (2004)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
História, apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção
do grau de Licenciado em História.

Uberlândia, 2026

Conceito final:

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira

Prof.^a Dra. Maria Andréa Angelotti Carmo

Prof.^a Dra. Nara Rúbia de Carvalho Cunha

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o uso do cinema como fonte histórica e sua aplicação no ensino de História, utilizando como estudo de caso o filme "Olga" (2004), dirigido por Jayme Monjardim. A obra retrata a vida de Olga Benário, militante comunista e judia que se destacou na luta contra o nazismo e a ditadura do Estado Novo no Brasil. A pesquisa discute a relevância do cinema como ferramenta pedagógica, suas potencialidades e limitações, e reflete sobre a construção da memória histórica por meio da sétima arte. Para isso, são mobilizadas referências teóricas sobre o uso de fontes no ensino de História e a importância da problematização e crítica de documentos e representações audiovisuais.

Palavras-chave: Cinema, Ensino de História, Olga Benário, Fontes Históricas.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
1. O Cinema como Fonte Histórica.....	8
1.1. Definição de Cinema como Fonte.....	10
1.2. A Representação de Olga Benário.....	12
1.3. O Papel do Professor na Mediação do Cinema como Fonte.....	14
2. O Ensino de História e o Cinema.....	16
2.1. A Importância do Cinema no Ensino de História.....	17
2.2. Discussões sobre Cidadania e Direitos Humanos.....	20
2.3. Metodologia de Ensino.....	21
3. Olga Benário: Proposta Metodológica.....	24
3.1. Etapa 1: Pré-exibição (Contextualização).....	24
1. Aula Expositiva e Dialogada.....	24
2. Levantamento de Conhecimentos Prévios.....	25
3. Discussão sobre Fontes e Representações.....	25
4. Apresentação da Ficha Técnica do filme.....	26
3.2. Etapa 2: Exibição – Análise Guiada e Registro Crítico.....	27
3.3. Etapa 3: Pós-exibição – Problematização, Comparação de Fontes e Produção Crítica... 28	
1. Debate Crítico – Fidelidade Histórica vs. Representação Cinematográfica.....	28
2. Análise com Fontes Complementares.....	28
3. Produção Final – Atividade Avaliativa Crítica.....	29
3.4. Potencialidades do Cinema como Fonte Histórica.....	30
3.5. Limitações do Cinema como Fonte Histórica.....	30
Considerações finais.....	32
Referências.....	34

Introdução

O cinema, enquanto manifestação cultural de massa do século XX, consolidou-se não apenas como forma de entretenimento, mas como um poderoso agente na construção de narrativas e representações sobre o passado. Filmes históricos, em particular, exercem um fascínio duradouro, moldando a memória coletiva e, por vezes, tornando-se a principal referência de determinado evento para o grande público. No contexto educacional, essa linguagem audiovisual apresenta-se como uma ferramenta de imenso potencial pedagógico, capaz de engajar estudantes e humanizar processos históricos complexos.

Contudo, a transposição de eventos reais para a tela é invariavelmente mediada por escolhas narrativas, estéticas e ideológicas. Um filme não é um espelho do passado, mas sim uma interpretação, uma construção que seleciona, enfatiza e omite elementos. Como aponta Marcos Napolitano (2005), é crucial que o professor atue como um mediador crítico, auxiliando os alunos a "perceberem as intenções, as escolhas e as limitações da linguagem cinematográfica".

Nesse sentido, o presente trabalho propõe-se a investigar as potencialidades e os desafios do uso do cinema no ensino de História a partir de um estudo de caso específico: o filme *Olga* (2004), que se trata de uma adaptação do livro de mesmo nome de Fernando Morais e é dirigido por Jayme Monjardim. A obra, um sucesso de bilheteria no Brasil, dramatiza a trajetória da militante comunista alemã Olga Benário, sua vinda ao Brasil, a relação com Luiz Carlos Prestes, a participação na Intentona Comunista e sua trágica deportação e morte em um campo de concentração nazista.

O objetivo central desta pesquisa é analisar como *Olga*, enquanto fonte histórica e produto cultural, pode ser utilizado em sala de aula não como uma ilustração factual, mas como um objeto de problematização. Buscamos compreender de que forma o filme representa a personagem principal e o conturbado contexto dos anos 1930 no Brasil, marcado pela ascensão do autoritarismo varguista e pela polarização ideológica entre o comunismo (representado pela Aliança Nacional Libertadora - ANL) e o integralismo (Ação Integralista Brasileira - AIB).

Para tanto, o trabalho está estruturado em quatro eixos principais. Inicialmente, no capítulo 1, discutimos o conceito de cinema como fonte histórica, baseando-nos em autores como Jacques Le Goff (2005) e Carla Bassanezi Pinsky (2005), e analisamos a construção da

representação de Olga Benário no filme, destacando o papel do professor como mediador desse processo.

Em seguida, no capítulo 2, abordamos a relação entre o ensino de História e o cinema, focando na importância da linguagem audiovisual para o engajamento discente e para a promoção de debates sobre cidadania e direitos humanos, em diálogo com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O capítulo 3 detalha a proposta metodológica específica para a utilização do filme em sala de aula, estruturada em etapas de pré-exibição, exibição guiada e pós-exibição, visando a análise crítica e a comparação com outras fontes, como a biografia de Fernando Morais (1994) e os estudos de Anita Prestes (2017).

Por fim, o capítulo 3 ainda aprofunda a discussão teórica sobre as potencialidades e limitações do uso do cinema no ensino, baseando-se em Hobsbawm (1998), Le Goff (2005), Pereira e Seffner (2008) e Caimi (2008). Este capítulo consolida os riscos e benefícios de se utilizar uma fonte como *Olga*, avaliando o engajamento discente em contraponto ao risco de simplificação e à necessidade de mediação crítica, culminando nas considerações finais que sintetizam a viabilidade da proposta.

1. O Cinema como Fonte Histórica

Neste capítulo, busca-se compreender o cinema como uma importante ferramenta para a análise e a construção do conhecimento histórico. A partir da ampliação do conceito de fonte histórica nas últimas décadas, o cinema passou a ser considerado não apenas um produto artístico e cultural, mas também um veículo de significados, ideologias e interpretações sobre o passado. Assim, investigar o filme *Olga* (2004) como fonte histórica implica analisá-lo em seu contexto de produção e recepção, bem como observar as representações históricas que ele mobiliza.

Serão abordados, ao longo do capítulo, aspectos como a definição do cinema enquanto fonte histórica, as formas de representação da personagem Olga Benário no filme e, especialmente, as implicações políticas, ideológicas e simbólicas de sua trajetória. Tendo como pano de fundo o Brasil da década de 1930 — período marcado pelo avanço do autoritarismo, pela repressão política e pela ascensão de ideologias como o integralismo e o nacionalismo autoritário —, o filme permite que se reflita criticamente sobre os regimes opressores e sobre o papel da memória na construção das identidades e narrativas históricas. Nesse sentido, a leitura da obra dialoga com reflexões de Eric Hobsbawm (1995), que destaca o século XX como uma “era dos extremos”, marcada por regimes autoritários, guerras e resistências, nas quais trajetórias como a de Olga se inscrevem de modo emblemático.

Além disso, destaca-se o papel fundamental do professor na mediação da linguagem cinematográfica em sala de aula, ressaltando a necessidade de uma leitura crítica do filme enquanto representação e não como uma simples reconstituição factual. Ao transformar o cinema em objeto de análise, o ensino de História ganha novos contornos, ampliando a capacidade dos estudantes de interpretar fontes variadas e refletir sobre o passado a partir de múltiplas perspectivas. Carla Bassanezi Pinsky (2009) ressalta que as representações no cinema ou na literatura não devem ser vistas como reflexos neutros da realidade, mas como construções que expressam disputas de poder, memórias seletivas e visões de mundo.

Como observa Jacques Le Goff, ao ampliar o conceito de fonte histórica, “tudo é documento”, o que abre espaço para considerar o cinema como uma fonte histórica legítima, que carrega não apenas informações factuais, mas também múltiplos sentidos culturais e sociais. O autor afirma:

A história nova ampliou o conceito de fonte, mostrando que tudo pode ser considerado documento histórico, inclusive o cinema, que é uma construção cultural complexa, capaz de transmitir sentidos e valores sociais, funcionando como um espelho da mentalidade e das representações de seu tempo (Le Goff, 2005, p. 34).

O cinema, portanto, deve ser compreendido como uma linguagem que articula elementos estéticos, narrativos e ideológicos, o que exige do historiador e do professor uma leitura crítica que vá além da superfície do entretenimento. Conforme destaca Marcos Napolitano:

O cinema pode ser uma ‘porta de entrada’ para a compreensão de diferentes períodos e experiências históricas, desde que seja utilizado com mediação crítica, para não se transformar em mero entretenimento ou reprodução acrítica do passado. A utilização do cinema na educação exige do professor a função de mediador, ajudando os alunos a perceberem as intenções, as escolhas e as limitações da linguagem cinematográfica (Napolitano, 2005, p. 89).

No caso específico do filme *Olga*, dirigido por Jayme Monjardim, a personagem principal é construída de forma a simbolizar a resistência contra regimes autoritários tanto na Alemanha nazista quanto no Brasil do Estado Novo. A representação da personagem apresenta uma narrativa heroica, que evidencia a força de suas convicções e sua coragem frente às adversidades. De acordo com Tzvi Tal (s.p., 2012), o filme *Olga* reconfigura a memória da militante, transformando sua luta revolucionária em uma narrativa de martírio pessoal — ressignificando sua trajetória como sacrifício individual em vez de denúncia política. Essa reconstrução simbólica, segundo o autor, resulta num mito acessível à sensibilidade contemporânea, mas que subtrai o peso ideológico da militância e reduz a complexidade das disputas de classe e ideológicas na década de 1930.

Essa leitura é útil para questionar a recepção do filme em sala de aula: ao apresentar Olga como mártir redentora, o longa pode favorecer uma interpretação empática e emocional, mas que neutraliza as disputas políticas de sua época — o que reforça a necessidade da mediação docente para problematizar essas escolhas de construção simbólica.

Esse recorte possibilita abordar não só a trajetória individual de Olga Benário, mas também o contexto mais amplo do autoritarismo brasileiro, marcado pela repressão a movimentos como o comunismo e pelo surgimento do integralismo, movimento de extrema direita que influenciou a política dos anos 1930. Embora o integralismo não seja diretamente abordado no filme *Olga*, estudos sobre a Ação Integralista Brasileira demonstram sua relevância como movimento político de massas na década de 1930. Cavalari aponta que a AIB

estruturou-se como uma organização nacional de grande capilaridade social, disputando espaços políticos e simbólicos com outras correntes ideológicas, especialmente o comunismo, em um contexto de crescente polarização política (Cavalari, 2007, p. 62). A ausência dessa dimensão no filme reforça a necessidade de uma leitura crítica do cinema como fonte histórica, uma vez que a narrativa fílmica opera seleções e silenciamentos conforme suas intenções estéticas, políticas e memorialísticas.

Por fim, cabe destacar o papel fundamental do professor na mediação do uso do cinema em sala de aula. Pereira e Seffner ressaltam a importância de uma prática pedagógica que fomente a problematização crítica:

O uso de fontes históricas deve ser uma prática que estimule a reflexão crítica e a problematização, permitindo que os alunos se tornem agentes ativos na construção do conhecimento, capazes de identificar as seleções, interpretações e construções presentes em todo tipo de documento, inclusive no cinema (Pereira; Seffner, 2008, p. 115).

Dessa forma, o cinema pode deixar de ser apenas um recurso ilustrativo para se tornar um potente instrumento de análise, debate e formação crítica no ensino de História. Como lembra Anita Leocádia Prestes (2017), ao tratar da memória de sua mãe, Olga não deve ser vista apenas como mártir, mas como uma militante comunista que representa escolhas políticas, disputas de poder e embates ideológicos — aspectos que precisam ser recuperados pelo ensino crítico de História. Nesse sentido, o cinema, aliado à mediação pedagógica, contribui para uma educação histórica que articula memória, crítica e cidadania.

1.1. Definição de Cinema como Fonte

A ampliação do conceito de fonte histórica, especialmente a partir da chamada “revolução documental”, trouxe profundas transformações para a historiografia e para o ensino de História. Essa ampliação implica na incorporação de novas linguagens e materiais que ultrapassam os documentos escritos tradicionais, passando a incluir imagens, sons, filmes, objetos e outras expressões culturais. Jacques Le Goff sintetiza essa ampliação ao afirmar que:

Tudo é documento, tudo pode ser considerado fonte, pois o conceito de documento histórico ultrapassa o texto escrito para abarcar qualquer vestígio deixado pela ação humana que permita reconstituir o passado e compreender as mentalidades e os contextos sociais (Le Goff, 2005, p. 34).

Essa perspectiva amplia significativamente o campo do que pode ser analisado pelo historiador e utilizado em sala de aula, permitindo que o cinema seja visto não apenas como

produto cultural ou entretenimento, mas como um veículo potente para a produção de sentido histórico e para a construção da memória social e coletiva.

Nesse sentido, o cinema torna-se uma linguagem complexa que articula elementos visuais, sonoros, narrativos, estéticos e ideológicos, oferecendo uma experiência multisensorial que potencializa o contato dos estudantes com o passado. Segundo Pinsky:

O cinema, por sua natureza, conjuga diferentes linguagens — imagem, som, movimento, narrativa — o que o torna uma fonte rica para analisar as representações históricas e os processos de construção da memória e da identidade (Pinsky, 2005, p. 56).

Entretanto, para utilizar o cinema como fonte histórica é fundamental compreender que ele é sempre uma construção, resultado de escolhas técnicas e narrativas feitas por seus realizadores, que carregam suas intenções, visões de mundo e contextos políticos e culturais. Como observa Napolitano:

O cinema pode funcionar como uma ‘porta de entrada’ para a compreensão de períodos históricos, desde que o professor atue como mediador crítico, ajudando os alunos a perceberem que o filme não é um documento neutro, mas uma interpretação que seleciona, enfatiza e, por vezes, modifica os fatos históricos (Napolitano, 2005, p. 89).

Além disso, a análise do cinema como fonte exige atenção ao contexto de sua produção, às condições materiais, sociais e políticas que o cercam, e à recepção que ele provoca. Carvalho e Zampa reforçam essa ideia ao afirmar que:

A fonte histórica não é apenas o que está diante dos olhos, mas o que pode ser problematizado, interpretado e contextualizado. O cinema, nesse aspecto, oferece uma multiplicidade de sentidos e camadas interpretativas que, se bem exploradas, podem enriquecer o ensino de História (Carvalho; Zampa, 2017, p. 39).

Nessa mesma linha, Balaban chama atenção para a dimensão da experiência cinematográfica, que ultrapassa a simples transmissão de fatos e possibilita uma aproximação sensível e crítica com o passado: “O cinema não apenas informa sobre a história, mas mobiliza afetos, memórias e identificações, colocando o espectador diante de uma experiência que articula emoção e reflexão histórica” (Balaban, 2009, p. 72).

A esse respeito, Napolitano observa que o filme, quando utilizado como fonte histórica, precisa ser lido dentro de seu contexto de produção, levando em conta tanto os objetivos de seus realizadores quanto às expectativas do público a que se destina. O autor afirma que: “O filme deve ser analisado em sua dupla dimensão: como obra estética e como

produto social inscrito em um contexto histórico que condiciona suas escolhas narrativas e ideológicas” (Napolitano, 2005, p. 27).

Portanto, o uso do cinema como fonte histórica demanda uma postura reflexiva, que contemple tanto o valor documental quanto as limitações e as liberdades artísticas presentes nas obras audiovisuais. O desafio para o professor está em promover a leitura crítica do filme, permitindo que ele seja um ponto de partida para a problematização histórica, o debate e a construção coletiva do conhecimento.

1.2. A Representação de Olga Benário

O uso do cinema em sala de aula, quando articulado com objetivos pedagógicos claros, pode enriquecer o ensino de História, oferecendo ao estudante a possibilidade de refletir criticamente sobre diferentes narrativas. Como aponta Napolitano: “O uso de filmes em sala de aula pode ser eficaz na medida em que se insere em um processo de ensino que estimule o aluno a pensar historicamente, comparando, contextualizando e problematizando o que vê” (Napolitano, 2005, p. 33). Dessa forma, a análise cinematográfica deve ser compreendida como uma estratégia complementar, e não substitutiva, da leitura de documentos, livros e outras fontes históricas, de modo a estimular o pensamento crítico e a pluralidade de interpretações.

Nesse sentido, o filme *Olga*, dirigido por Jayme Monjardim e baseado na biografia escrita por Fernando Moraes, constitui-se em uma narrativa dramática e simbólica sobre a trajetória de Olga Benário, militante comunista alemã enviada ao Brasil com a missão de proteger Luiz Carlos Prestes. A produção cinematográfica retrata sua militância política, prisão, deportação e execução em um campo de extermínio nazista, configurando-se como uma fonte significativa para análise histórica e didática.

A personagem Olga é construída como uma figura heroica, marcada por convicções inabaláveis e coragem diante de adversidades extremas. Essa representação enfatiza valores como resistência, dignidade e sacrifício, projetando sua história individual como símbolo dos ideais de luta contra regimes autoritários — tanto o nazismo europeu quanto o Estado Novo brasileiro. O próprio diretor ressalta que: “Olga é uma mulher que, mesmo diante das adversidades, se mantém firme em suas convicções, representando a luta de muitos que se opuseram ao regime opressor” (Monjardim, 2004, p. 45).

Esse retrato dialoga diretamente com os dilemas da história brasileira dos anos 1930, especialmente com o avanço do autoritarismo após o golpe de 1937 e a instauração do Estado Novo por Getúlio Vargas. Tal período foi marcado pelo fechamento das liberdades democráticas e pela repressão sistemática aos opositores políticos. Como observa Silva: “A década de 1930 no Brasil foi um momento de intensas disputas políticas e ideológicas, em que o autoritarismo se fortaleceu, levando à perseguição sistemática de movimentos de esquerda, como a Aliança Nacional Libertadora (ANL), da qual Olga e Prestes participaram” (Silva, 2010, p. 1117).

A narrativa fílmica também abre espaço para a discussão sobre o integralismo, movimento político de extrema-direita inspirado no fascismo europeu que ganhou força no Brasil durante a década de 1930. Embora não esteja diretamente representado em *Olga*, o pano de fundo ideológico integralista é fundamental para compreender o clima de intolerância e repressão da época. Como afirma Cazetta: “O integralismo, ao adotar uma retórica nacionalista e autoritária, fomentou a intolerância política e contribuiu para a desestabilização das forças democráticas, sendo um fator importante na construção do regime autoritário do Estado Novo” (Cazetta, 2014, p. 8). A análise de Cazetta destaca que o integralismo não deve ser entendido apenas como uma simples cópia do fascismo europeu, mas como um movimento que dialogou com especificidades da sociedade brasileira, apropriando-se de símbolos nacionais e de discursos religiosos para legitimar-se. Nesse sentido, seu impacto evidencia a complexidade das disputas ideológicas no Brasil da década de 1930 e o modo como diferentes projetos autoritários competiram pela hegemonia política (Cazetta, 2014).

A polarização entre comunistas e integralistas configurou um cenário de forte tensão, culminando no golpe de 1937 e na consolidação do Estado Novo. Segundo Silva: “Os embates ideológicos e políticos entre os comunistas e integralistas foram decisivos para a configuração do autoritarismo varguista, que suprimiu liberdades civis e perseguiu sistematicamente seus opositores” (Silva, 2010, p. 64). Essa leitura reforça que tais embates não representaram apenas a disputa entre dois grupos radicais, mas foram instrumentalizados por Vargas como justificativa para consolidar um regime autoritário que se apresentava como “árbitro da ordem”, ao mesmo tempo em que inviabilizava a construção de uma democracia mais plural no país.

Assim, a representação de Olga no filme transcende a biografia individual da personagem, assumindo uma dimensão simbólica que permite analisar as disputas ideológicas

e políticas do Brasil do século XX. Nesse contexto, a obra de Monjardim se insere como material relevante para o ensino de História, pois possibilita discutir dilemas fundamentais entre democracia e autoritarismo, liberdade e repressão, modernidade e atraso.

1.3. O Papel do Professor na Mediação do Cinema como Fonte

Embora o filme *Olga* apresente uma narrativa poderosa e emocionalmente envolvente, seu uso em sala de aula exige uma mediação criteriosa por parte do professor, de modo que a obra não seja apenas consumida como entretenimento, mas se transforme em uma ferramenta de ensino crítico e reflexivo. O papel do docente é, portanto, fundamental, pois cabe a ele orientar os alunos na leitura histórica do filme, estimulando a análise das escolhas narrativas, estéticas e políticas que estruturam a obra.

Como apontam Pereira e Seffner (2008, p. 115), a incorporação de fontes históricas no processo de ensino-aprendizagem deve sempre incentivar a reflexão crítica e a problematização, promovendo a autonomia intelectual dos estudantes e seu envolvimento ativo na produção do conhecimento histórico. No caso específico do cinema, isso significa compreender que o filme é uma construção narrativa que seleciona, interpreta e, em determinadas situações, ficcionaliza acontecimentos do passado, apresentando uma versão específica da história.

Nesse sentido, torna-se essencial conduzir os alunos a refletirem sobre quais episódios da vida de Olga Benário foram enfatizados, omitidos ou ressignificados na adaptação cinematográfica da biografia escrita por Fernando Moraes. Além disso, a análise deve problematizar como a estética do filme — marcada pela dramatização de cenas de resistência, tortura e sacrifício — contribui para reforçar determinadas visões sobre a personagem e o contexto histórico da década de 1930.

Outro aspecto relevante para a prática pedagógica é a análise crítica da forma como o autoritarismo da Era Vargas é retratado na narrativa fílmica, interrogando se a obra apresenta críticas explícitas ou implícitas ao regime. Essa discussão pode abrir espaço para reflexões mais amplas sobre a natureza do autoritarismo e suas consequências sociais e políticas no Brasil. Como destaca Napolitano: “A mediação do professor é fundamental para que o cinema não seja um simples produto de entretenimento, mas uma fonte histórica que provoque a reflexão crítica e ajude os estudantes a compreenderem as complexidades do passado” (Napolitano, 2005, p. 92).

Além da exibição do filme, o professor pode enriquecer a abordagem ao articular a narrativa cinematográfica com documentos históricos, discursos oficiais da época, reportagens jornalísticas e outras fontes audiovisuais, permitindo que os alunos construam uma leitura mais ampla e multifacetada do período. Nesse sentido, Carvalho e Zampa ressaltam: “O processo de problematização das fontes históricas é indispensável para a construção do conhecimento, pois promove uma postura crítica e reflexiva, essencial para a formação cidadã” (Carvalho; Zampa, 2017, p. 42).

Por fim, cabe destacar que o uso do cinema em sala de aula deve também estimular a reflexão sobre o papel da memória e da representação na construção das disputas políticas e ideológicas contemporâneas, evidenciando que toda narrativa histórica é uma construção sujeita a múltiplas interpretações. Assim, quando bem mediado, o cinema se configura como uma via potente de construção do conhecimento histórico, especialmente ao abordar temas como autoritarismo, integralismo e repressão política — elementos centrais tanto na trajetória de Olga Benário quanto na experiência brasileira dos anos 1930.

2. O Ensino de História e o Cinema

Este capítulo propõe uma reflexão sobre o uso pedagógico do cinema no ensino de História, com foco na experiência de trabalhar o filme *Olga* em sala de aula. O cinema, por sua capacidade de sensibilização e síntese narrativa, configura-se como uma linguagem potente para o ensino, promovendo conexões entre passado e presente, razão e emoção, informação e imaginação histórica.

A partir da análise de *Olga*, é possível discutir as potencialidades do cinema para fomentar o senso crítico, estimular o debate sobre direitos humanos e cidadania e promover uma aprendizagem mais significativa. Ressalta-se, ainda, a importância de uma abordagem metodológica que oriente a leitura crítica da obra, articulando-a com outras fontes históricas e saberes, e reconhecendo os limites e as possibilidades do audiovisual enquanto recurso didático.

Eric Hobsbawm destaca a força do cinema como instrumento para aproximar os alunos do passado histórico, chamando atenção para seu poder de engajamento:

O cinema tem a capacidade de engajar os alunos, tornando a história mais acessível e interessante, pois consegue traduzir imagens e sons que tocam a sensibilidade, ao mesmo tempo em que oferecem material para a análise crítica dos processos históricos (Hobsbawm, 1998, p. 27).

Flávia Caimi reforça que o ensino de História deve ser um exercício de reflexão crítica e construção ativa do conhecimento:

A história não é um mero reflexo do passado, mas uma construção que deve ser analisada criticamente, de modo a formar sujeitos capazes de compreender os múltiplos sentidos do tempo histórico e de se posicionar diante das questões sociais e políticas contemporâneas (Caimi, 2008, p. 132).

No que tange à abordagem de temas como cidadania e direitos humanos, a história de Olga Benário serve como um rico estímulo para discussões sobre repressão, violência de Estado e resistência frente a regimes autoritários. Sua trajetória evidencia como múltiplas formas de opressão — políticas, étnicas e de gênero — se manifestam em contextos autoritários, oferecendo aos alunos exemplos concretos dos riscos que ameaçam liberdades civis e direitos fundamentais.

Trabalhar com fontes históricas em sala de aula é essencial para a formação de sujeitos críticos, capazes de relacionar passado e presente, especialmente em temas sensíveis como a intolerância política, a perseguição ideológica e

os direitos humanos, construindo assim uma educação comprometida com a democracia e a justiça social (Caimi, 2008, p. 140).

Ao analisar narrativas como a de Olga, os estudantes são incentivados a refletir sobre os mecanismos de poder, exclusão social e propaganda que permeiam a história, desenvolvendo competências cognitivas, éticas e cidadãs. O estudo do passado se torna, assim, uma ferramenta para compreender e agir criticamente no presente, fortalecendo a consciência democrática e a valorização dos direitos humanos.

Napolitano chama a atenção para a importância de uma metodologia bem estruturada ao utilizar o cinema no ensino:

A exibição do filme deve ser acompanhada de atividades que estimulem a problematização e o debate crítico, permitindo que os estudantes compreendam a construção das narrativas históricas e as intenções por trás das representações, o que requer um planejamento cuidadoso e a mediação ativa do professor (Napolitano, 2005, p. 94).

O cinema no ensino de História constitui uma estratégia pedagógica potente, capaz de engajar os estudantes, tornar os conteúdos mais acessíveis e estimular o pensamento crítico. A linguagem audiovisual aproxima o passado do presente e combina informação, emoção e análise, oferecendo uma experiência sensorial que facilita a compreensão histórica (Hobsbawm, 1998, p. 27).

O filme *Olga* (2004), dirigido por Jayme Monjardim e baseado na biografia de Fernando Moraes, apresenta a trajetória da militante comunista alemã enviada ao Brasil para proteger Luiz Carlos Prestes. A narrativa dramática evidencia sua militância, prisão, deportação e execução, tornando-se uma fonte histórica rica para análise política, ideológica e social. A personagem simboliza resistência, dignidade e coragem diante de regimes autoritários, representando tanto a luta contra o nazismo quanto a repressão do Estado Novo brasileiro (Monjardim, 2004, p. 45; Silva, 2010, p. 1117).

Além da história pessoal de Olga, o filme permite discutir o contexto político mais amplo da década de 1930, incluindo o avanço do autoritarismo, o golpe de 1937, a perseguição a comunistas e a influência do integralismo (Cazetta, 2014, p. 8). A antagonização entre comunistas e integralistas exemplifica a polarização política que consolidou o Estado Novo e justifica debates sobre democracia, direitos humanos e cidadania (Silva, 2010, p. 64).

2.1. A Importância do Cinema no Ensino de História

O uso do cinema no ensino de História representa uma metodologia inovadora e eficaz, capaz de potencializar o engajamento dos estudantes e favorecer uma aprendizagem mais significativa. A linguagem audiovisual, por ser próxima do cotidiano dos alunos, ajuda a construir pontes entre passado e presente, tornando os conteúdos históricos mais acessíveis e compreensíveis.

Como destaca Hobsbawm:

O cinema tem a capacidade de tornar o passado mais acessível e tangível, traduzindo em imagens e sons aquilo que, por vezes, os textos tradicionais não conseguem expressar de forma tão imediata. Ele cria uma experiência sensorial e emocional que facilita a compreensão e a memorização dos eventos históricos (Hobsbawm, 1998, p. 67).

O filme *Olga* exemplifica essa capacidade ao mobilizar emoções, despertar a curiosidade e estimular o senso crítico dos estudantes. Ao apresentar a trajetória de uma personagem complexa que luta contra regimes autoritários, o longa permite o acesso a temas centrais do século XX, como totalitarismo, o papel das mulheres na política, direitos humanos e embates ideológicos que marcaram o período.

Além disso, a linguagem cinematográfica é rica em recursos estéticos e narrativos, favorecendo um diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, como literatura, arte, teatro e música. Essa interdisciplinaridade amplia a compreensão dos alunos sobre os contextos históricos e promove uma aprendizagem contextualizada e integrada. Napolitano reforça: “O cinema, ao articular diferentes linguagens e sensibilidades, permite que os alunos façam conexões entre a História e outras áreas do conhecimento, o que contribui para uma formação crítica e mais completa” (Napolitano, 2005, p. 105).

Entretanto, para que o cinema cumpra seu papel educativo, é imprescindível que seu uso esteja inserido em uma proposta pedagógica estruturada. O professor deve planejar atividades que orientem os alunos a compreenderem os limites e possibilidades da linguagem cinematográfica, estimulando análise crítica e problematização do conteúdo apresentado.

O filme não substitui o livro didático ou outras fontes históricas, mas atua como um recurso complementar, enriquecendo a experiência de aprendizagem e fomentando o debate em sala de aula. Como alertam Pereira e Seffner: “O cinema é uma ferramenta poderosa, mas sua potencialidade educativa só é efetivada quando acompanhado de uma mediação crítica

que incentive o aluno a questionar e refletir sobre o que está sendo apresentado” (Pereira; Seffner, 2008, p. 120).

O uso do cinema no ensino de História, e especificamente a atividade proposta com o filme *Olga*, alinha-se diretamente às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), especialmente para o 9º Ano do Ensino Fundamental, período em que se estuda a Era Vargas e a Segunda Guerra Mundial.

Em nível de Competências Gerais da BNCC (2018), a atividade fomenta:

- **Competência Geral 2:** "Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções [...] com base nos conhecimentos das diferentes áreas." (Ao problematizar o filme como fonte).
- **Competência Geral 7:** "Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta." (Ao debater as ações do Estado Novo).
- **Competência Geral 9:** "Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, [...] promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade [...] sem preconceitos de qualquer natureza." (Ao discutir a trajetória de Olga como mulher, judia e comunista).

Dentre as Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental, a proposta mobiliza centralmente a:

- **Competência Específica 4:** "Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários." (Ao comparar o filme com outras fontes).

No plano das Habilidades do 9º Ano, tanto da BNCC quanto do CRMG (que adiciona o recorte local), a atividade com o filme *Olga* permite trabalhar diretamente:

- **(EF09HI06) e (EF09HI06MG):** "Identificar e discutir o papel das mulheres e dos movimentos feministas na conquista de direitos políticos e sociais e sua participação na vida pública do país [e em Minas Gerais], desde o final do século XIX à atualidade." (Discutindo o protagonismo político de Olga).
- **(EF09HI09) e (EF09HI09MG):** "Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais, sindicais e políticos no Brasil [e em Minas Gerais], da Primeira República aos dias atuais." (Analisando a ANL e a militância comunista).
- **(EF09HI11):** "Identificar e caracterizar os processos do fascismo e do nazismo, suas semelhanças e especificidades, e analisar seus impactos para a Europa e o mundo." (Contextualizando a deportação e morte de Olga).
- **(EF09HI13) e (EF09HI13MG):** "Descrever e contextualizar o processo da Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, e identificar os traços constitutivos do Estado Novo (autoritarismo, propaganda política, nacionalismo, anticomunismo, etc.) [e seus impactos em Minas Gerais]." (Sendo este o eixo central da análise do filme).

Dessa forma, o cinema, quando usado de maneira planejada e mediada criticamente, torna-se um aliado valioso no ensino de História, contribuindo para a formação de sujeitos históricos conscientes, capazes de interpretar múltiplas fontes, analisar o passado com profundidade e desenvolver pensamento crítico, ético e cidadão.

2.2. Discussões sobre Cidadania e Direitos Humanos

A história de Olga Benário, conforme retratada no filme, está profundamente vinculada aos direitos humanos e à resistência contra regimes autoritários. Sua trajetória, marcada por perseguições políticas, prisões arbitrárias, violência estatal e execução em um campo de concentração nazista, oferece um exemplo contundente das graves violações cometidas por regimes totalitários, convidando à reflexão sobre os limites da ação estatal, a importância das liberdades civis e o papel da resistência frente à opressão.

Como ressalta Caimi:

Ensinar História implica ultrapassar a mera sucessão de fatos para construir uma leitura crítica do passado, formando sujeitos históricos conscientes, capazes de compreender os processos sociais e políticos que moldaram as sociedades e sua atuação no presente (Caimi, 2008, p. 134).

Nesse sentido, a trajetória de Olga vai além do âmbito biográfico, funcionando como instrumento pedagógico para discutir cidadania, democracia e justiça. A exibição do filme em sala de aula pode, portanto, estimular debates que ampliem a compreensão dos estudantes sobre a importância da defesa dos direitos humanos e do combate à intolerância.

Atividades complementares podem incentivar os alunos a estabelecer conexões entre a narrativa do filme e desafios contemporâneos, como intolerância política, perseguição ideológica, racismo, xenofobia e misoginia. Peixoto reforça a relevância dessa abordagem:

O ensino de História deve promover a problematização dos conteúdos, para que os estudantes possam reconhecer as continuidades e rupturas nos processos históricos e, assim, compreender as implicações das ações humanas no tempo presente (Peixoto, 2015, p. 45).

Dessa forma, a história de Olga atua como um espelho crítico e um alerta sobre os riscos que ameaçam as democracias atuais, reforçando a necessidade de vigilância e defesa ativa dos direitos humanos. Napolitano complementa essa perspectiva ao enfatizar o valor pedagógico do cinema:

A utilização do cinema no ensino de História, ao apresentar narrativas que retratam o sofrimento e a resistência humana, contribui para a sensibilização dos alunos acerca das injustiças e da importância da luta pelos direitos e liberdades fundamentais (Napolitano, 2005, p. 110).

Portanto, a abordagem pedagógica do filme deve priorizar a mediação crítica, incentivando a reflexão e o engajamento dos estudantes, fortalecendo a construção de valores democráticos e o respeito à diversidade.

2.3. Metodologia de Ensino

A integração do cinema ao ensino de História exige estratégias metodológicas que permitam aos alunos desenvolver uma leitura crítica das obras audiovisuais. O simples ato de assistir a um filme não garante uma aprendizagem histórica significativa; é necessário que a experiência esteja inserida em um projeto pedagógico que articule conteúdo, linguagem e reflexão.

Como destaca Napolitano:

A presença do cinema nas aulas de História exige do professor um esforço metodológico no sentido de não transformar o filme em ilustração, mas em objeto de análise que pode revelar muito sobre o presente e sobre o passado, desde que abordado criticamente (Napolitano, 2005, p. 29).

Dessa forma, é fundamental que a exibição do filme seja precedida por uma contextualização histórica. O professor deve apresentar o período retratado, as forças políticas em disputa, os principais acontecimentos, bem como o perfil das figuras históricas envolvidas. Isso ajuda os estudantes a ancorarem suas leituras no tempo histórico, evitando anacronismos ou interpretações superficiais.

Após a exibição, recomenda-se a realização de discussões guiadas, utilizando perguntas disparadoras que provoquem o pensamento crítico, como: “Como o autoritarismo é retratado no filme?”, “Quais são os símbolos de resistência presentes na figura de Olga?” ou “O que a trajetória da personagem revela sobre o papel da mulher na política?”. Pereira reforça que: “As perguntas colocadas aos estudantes devem instigá-los a pensar, a comparar, a perceber o ponto de vista presente no documento fílmico e suas implicações ideológicas” (Pereira, 2008, p. 78).

Atividades escritas e multimodais, como resenhas críticas, cartas fictícias, diários imaginários, roteiros alternativos ou podcasts, são recursos pedagógicos eficazes que permitem aos alunos expressarem interpretações e posicionamentos, promovendo autonomia e criatividade.

Fonseca enfatiza que: “A leitura de fontes visuais e sonoras implica uma aprendizagem específica: é preciso ensinar a ver, ouvir, interpretar e interrogar criticamente essas linguagens” (Fonseca, 2009, p. 88). Essa reflexão é fundamental para compreender que o uso do cinema no ensino de História não pode ser reduzido à simples exposição de imagens, mas requer a formação de um olhar historicamente orientado. Ler um filme significa compreender seus códigos, suas escolhas estéticas, suas estratégias narrativas e os valores que mobiliza. Assim, o professor deve conduzir os estudantes para perceberem que cada enquadramento, cada trilha sonora, cada silêncio e cada diálogo expressam uma perspectiva específica sobre o passado. Nesse sentido, o cinema torna-se não apenas um suporte para visualizar acontecimentos históricos, mas uma fonte que deve ser interrogada quanto às suas intenções, limitações, omissões e disputas de memória. Trabalhar essas habilidades contribui para que os alunos desenvolvam competências interpretativas mais sofisticadas, capazes de articular forma e conteúdo, e de reconhecer que toda representação audiovisual é também uma construção simbólica, e não um espelho fiel da realidade.

Outra prática metodológica enriquecedora é a comparação entre diferentes fontes. O filme pode ser confrontado com trechos do livro de Fernando Morais, reportagens da época ou cartas e depoimentos históricos, estimulando a análise historiográfica e ampliando o horizonte interpretativo dos alunos. Peixoto sintetiza essa abordagem: “O ensino como pesquisa propõe que o estudante atue como sujeito que interroga as fontes, que problematiza versões e que compreende o conhecimento histórico como construção, não como reprodução” (Peixoto, 2015, p. 52).

Portanto, o cinema deve ser mais do que um recurso didático complementar: precisa ser trabalhado dentro de uma proposta que estimule o pensamento histórico, o diálogo entre linguagens e a formação crítica dos estudantes.

3. Olga Benário: Proposta Metodológica

A proposta metodológica¹ delineada para integrar o filme *Olga* (2004) ao ensino de História fundamenta-se na compreensão de que o cinema, como linguagem e representação do passado, deve ser trabalhado de forma crítica e problematizadora, e não como simples recurso ilustrativo. Conforme defende Napolitano (p.29, 2005), o filme pode constituir-se em uma potente fonte de aprendizagem histórica desde que inserido em um processo pedagógico que oriente a análise, a contextualização e a reflexão. Nesse sentido, a metodologia aqui apresentada estrutura-se em três etapas integradas: pré-exibição, exibição guiada e pós-exibição.

A proposta² visa estimular a participação ativa dos estudantes e desenvolver sua capacidade de ler, interpretar e problematizar fontes audiovisuais, dialogando com realidades sociais contemporâneas e promovendo uma educação histórica crítica e ética. Tal abordagem encontra respaldo nas competências previstas na BNCC e no CRMG, especialmente nas habilidades EF09HI06, EF09HI09, EF09HI11 e EF09HI13, que orientam o ensino de História para a análise do papel da mulher na política, dos movimentos sociais, das ideologias totalitárias e do Estado Novo.

3.1. Etapa 1: Pré-exibição (Contextualização)

A etapa de pré-exibição é essencial para que os estudantes compreendam o contexto histórico e estejam preparados para identificar escolhas narrativas, lacunas e representações presentes no filme. Pereira e Seffner (2008, p. 81) destacam que é nesse momento que o professor pode “preparar o olhar dos alunos para a compreensão das escolhas narrativas feitas pelo filme, destacando os silenciamentos, as ausências e os conflitos de memória”.

Nesta etapa, serão desenvolvidas as seguintes ações:

1. Aula Expositiva e Dialogada

A aula inicial apresentará:

¹ Em caso de trabalho interdisciplinar em parceria com outro professor, deverá adaptar a proposta de acordo com a outra disciplina trabalhada em conjunto, ficando essa a critério dos professores;

² Cerca de 10 aulas seguindo o roteiro aqui proposto.

- **O cenário político internacional**, com ênfase na ascensão do nazifascismo na Europa e suas repercussões no mundo.
- **O contexto brasileiro dos anos 1930**, marcado pela polarização entre a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB), pelo fortalecimento do autoritarismo e pela consolidação do Estado Novo.
- **A trajetória de Olga Benário e Luiz Carlos Prestes**, situando-os como figuras históricas centrais da luta antifascista no contexto global e brasileiro.

A exposição será dialógica, permitindo que os estudantes questionem, comentem e relacionem os temas com conhecimentos prévios.

2. Levantamento de Conhecimentos Prévios

Os alunos serão convidados a responder perguntas orientadoras, como:

- O que vocês sabem sobre Olga Benário e Luiz Carlos Prestes?
- O que vocês sabem sobre o Estado Novo?
- O que entendem por integralismo ou nazifascismo?

Essa atividade permite ao professor identificar concepções prévias, lacunas e interesses dos estudantes.

3. Discussão sobre Fontes e Representações

Será introduzida a distinção entre:

- o **fato histórico** (documentado) de acordo com E. H. Carr (1982),
- a **biografia** (interpretação de Fernando Moraes, 1994) de acordo com François Dosse (2009),
- e a **adaptação cinematográfica** (Monjardim, 2004).

Aqui discute-se o conceito de representação histórica, alertando para as liberdades poéticas e as escolhas estéticas do cinema. Como afirma Fonseca (p. 88, 2009), é preciso “ensinar a ver, ouvir, interpretar e interrogar criticamente essas linguagens”.

Essa etapa prepara os alunos para perceber o filme como construção narrativa, e não como reprodução do real e é recomendado que seja realizado antes da exibição do filme.

4. Ficha técnica do filme *Olga* (2004)

Título: Olga

Ano de lançamento: 2004

País de produção: Brasil

Gênero: Drama histórico / biográfico

Duração: 141 minutos

Idioma: Português

Classificação indicativa: 14 anos

Direção: Jayme Monjardim

Roteiro: Rita Buzzar

Baseado na obra: Olga, de Fernando Morais

Produção: Rita Buzzar e Cláudia Braga

Fotografia: Ricardo Della Rosa

Trilha sonora: Marcus Viana

Montagem: Pedro Amorim

Direção de arte: Tiza de Oliveira

Produtoras: Nexus Cinema, Globo Filmes e Lumière

Distribuidora: Europa Filmes

- **Principais atores**

Camila Morgado — Olga Benário Prestes

Caco Ciocler — Luís Carlos Prestes

Fernanda Montenegro — Leocádia Prestes

Osmar Prado — Getúlio Vargas

Floriane Peixoto — Filinto Müller

Eliane Giardini — Eugénie Benário

Luís Melo — Léo Benário

- **Sinopse**

O filme retrata a trajetória da militante comunista alemã Olga Benário, enviada ao Brasil para acompanhar o líder revolucionário Luís Carlos Prestes. Durante a missão política, os dois se apaixonam e passam a lutar juntos contra o governo de Getúlio Vargas. Após o fracasso do

movimento revolucionário de 1935, Olga é presa pelo governo brasileiro e deportada para a Alemanha nazista, onde é enviada para um campo de concentração.

- **Premiações (principais)**

Grande Prêmio do Cinema Brasileiro (2005) — Melhor Direção de Arte, Melhor Figurino e Melhor Maquiagem.

Festival de Cinema de Viña del Mar (2005) — Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Atriz (Camila Morgado).

Festival de Cinema de Havana (2005) — Prêmio do Público.

Atlanta Jewish Film Festival (2007) — Melhor Filme Narrativo e Prêmio do Público.

3.2. Etapa 2: Exibição – Análise Guiada e Registro Crítico

A exibição do filme será estruturada por meio de um Roteiro de Observação (Anexo A), que orienta o aluno a registrar percepções, escolhas estéticas e representações do passado. O objetivo é transformar a experiência de assistir ao filme em um exercício ativo e investigativo.

Os estudantes deverão observar e analisar quatro eixos temáticos fundamentais:

Eixo 1 – A Construção da Heroína

- Como Olga é representada pelo filme?
- Há predominância do aspecto político, humano, romântico ou dramático?
- Quais técnicas cinematográficas (trilha, closes, enquadramentos) reforçam essa construção?

Esse eixo permite discutir a construção de símbolos e mitos na memória histórica.

Eixo 2 – Representações do Autoritarismo

- Como Getúlio Vargas, Filinto Müller e outros agentes do Estado Novo são representados?
- O filme os mostra como figuras complexas ou como antagonistas simplificados?

Esse eixo dialoga com as habilidades da BNCC relacionadas às formas de poder e às violações de direitos humanos.

Eixo 3 – Omissões, Ênfases e Silenciamentos

- O que o filme enfatiza na trajetória de Olga (ex.: sofrimento, gravidez, romance)?
- O que ele omite (ex.: aprofundamento do comunismo, complexidade do antissemitismo brasileiro, tensões ideológicas)?

A análise permite discutir escolhas narrativas e disputas de memória.

Eixo 4 – A Representação (ou Ausência) do Integralismo

Com base nos estudos de Cazetta (2014) e Silva (2010), os alunos devem observar:

- O integralismo aparece no filme?
- Caso não apareça, qual o impacto dessa ausência na interpretação histórica?

Esse exercício revela como produtos culturais moldam (e limitam) nossa visão do passado.

3.3. Etapa 3: Pós-exibição – Problematização, Comparação de Fontes e Produção Crítica

Após o filme, inicia-se uma etapa de reflexão, debate e produção, consolidando o processo de aprendizagem histórica.

1. Debate Crítico – Fidelidade Histórica vs. Representação Cinematográfica

O debate inicial buscará responder:

- O filme *Olga* é uma versão fiel da história?
- Que memória sobre a Era Vargas o filme produz para o público brasileiro de 2004?

Os estudantes compreenderão que o cinema é uma forma de representação, como afirmam Pereira e Seffner (2008), e que seu valor reside na interpretação, não na exatidão.

2. Análise com Fontes Complementares

Os alunos, em grupos, analisarão trechos do filme comparando-os com fontes da época ou com obras historiográficas:

- **Grupo 1 – A Deportação:** comparar a cena com Moraes³ (1994) e Prestes (2017).
- **Grupo 2 – O Integralismo:** analisar a ausência do movimento no filme confrontando com documentos originais da AIB.
- **Grupo 3 – Relação Olga–Prestes:** analisar cenas do filme confrontando cartas originais analisadas por Quillici (2015)⁴.

Esse cruzamento de fontes promove habilidades de investigação histórica, conforme defendido por Peixoto (2015).

3. Produção Final – Atividade Avaliativa Crítica

Os estudantes produzirão um trabalho (texto, podcast ou apresentação) respondendo à pergunta orientadora:

“O filme *Olga* é uma boa fonte para entender a Era Vargas? Por quê?”

A atividade avalia:

- argumentação,
- análise crítica,
- domínio conceitual,
- capacidade de articulação entre cinema, história e memória.

³Nessa proposta pode ser trabalhado em formato interdisciplinar com Literatura ou Língua Portuguesa;

⁴ Nessa proposta pode ser trabalhado em formato interdisciplinar com Literatura ou Língua Portuguesa.

3.4. Potencialidades do Cinema como Fonte Histórica

Engajamento dos Alunos: O cinema pode despertar o interesse dos alunos pela história, tornando o aprendizado mais dinâmico e envolvente. O filme “Olga” pode ser uma ferramenta poderosa para estimular discussões sobre temas relevantes. "O cinema tem a capacidade de engajar os alunos, tornando a história mais acessível e interessante" (Hobsbawm, 1998).

A narrativa fílmica, ao humanizar personagens históricos e dramatizar eventos, mobiliza a empatia e a sensibilidade dos estudantes, funcionando como um contraponto à abordagem puramente factual muitas vezes encontrada em livros didáticos. A trajetória de Olga, com sua carga dramática, facilita a conexão dos alunos com temas complexos como autoritarismo e direitos humanos.

Representação de Diversas Perspectivas: O filme permite que os alunos vejam a história sob diferentes ângulos, promovendo uma compreensão mais ampla e crítica dos eventos. "A representação de diferentes perspectivas no cinema enriquece a compreensão histórica" (Le Goff, 2005).

A abordagem de temas complexos por meio de narrativas audiovisuais permite que os estudantes acessem e debatam eventos históricos a partir de um viés mais humano e multifacetado, saindo da análise puramente factual para a compreensão de mentalidades e representações, desde que o professor medie essa leitura.

3.5. Limitações do Cinema como Fonte Histórica

Fidelidade Histórica: É importante que os alunos aprendam a questionar a fidelidade histórica das representações cinematográficas. O filme "Olga", embora baseado em fatos reais, pode tomar liberdades artísticas que distorcem a realidade. "O cinema não deve ser visto como uma representação fiel da história, mas como uma interpretação que deve ser analisada criticamente" (Pereira; Seffner, 2008).

O maior risco pedagógico é o consumo do filme como "verdade absoluta". No caso de Olga, a ênfase no melodrama e na construção de uma heroína romantizada pode ofuscar a complexidade da militante política e as nuances do debate ideológico da época.

Risco de Simplificação: O uso do cinema pode levar à simplificação de eventos complexos, reduzindo a história a narrativas lineares e simplistas. "A simplificação da história no cinema pode levar a uma compreensão superficial dos eventos" (Caimi, 2008).

Processos históricos multifacetados, como a polarização entre ANL e AIB ou as motivações do governo Vargas, podem ser reduzidos a uma simples luta entre "bem" (Olga/Prestes) e "mal" (Vargas/Nazismo). O desafio da mediação docente, portanto, é utilizar o engajamento gerado pelo filme (potencialidade) para ativamente combater a simplificação (limitação), usando a própria narrativa fílmica como objeto de investigação e não como verdade absoluta.

Considerações finais

O percurso realizado neste trabalho buscou investigar a complexa relação entre cinema, história e ensino, tomando como estudo de caso a proposta de aplicação pedagógica do filme *Olga* (2004). Ao longo da pesquisa, reforçamos a premissa de que o cinema é uma ferramenta de extraordinário potencial para o engajamento discente, capaz de traduzir processos históricos abstratos em narrativas humanas e sensíveis, como defende Eric Hobsbawm (1998).

A análise da obra de Jayme Monjardim revela um duplo caráter. Por um lado, o filme funciona como uma potente "porta de entrada" (Napolitano, 2005) para temas como a Era Vargas, a ascensão do nazifascismo e a repressão política. A trajetória de Olga Benário, dramatizada de forma a gerar forte empatia, mostra-se uma ferramenta com alta eficácia potencial para suscitar debates urgentes sobre cidadania, autoritarismo e direitos humanos, conectando o passado de 1930 às discussões contemporâneas sobre intolerância e violência de Estado.

Por outro lado, a pesquisa teórica também validou os alertas sobre os riscos da simplificação (Caimi, 2008). A representação de *Olga* tende a sobrepor o drama romântico e o martírio pessoal à complexidade da militância política, como aponta Anita Prestes (2017). Além disso, a notável ausência de uma representação mais densa de atores políticos relevantes, como os integralistas (Cazetta, 2014), reforça a necessidade de uma mediação docente robusta.

A proposta metodológica detalhada no Capítulo 4 foi desenhada justamente para enfrentar esses desafios. O uso do filme só se torna historicamente produtivo se inserido em um processo crítico. A contextualização prévia e, principalmente, a análise comparativa com outras fontes (cartas, biografias, documentos) na etapa pós-exibição são cruciais para deslocar o olhar dos alunos da "verdade" do filme para a "interpretação" do filme. O objetivo é fazê-los perceber que o valor da obra como fonte não reside em sua fidelidade factual, mas no que suas escolhas, ênfases e silêncios revelam sobre a memória que o Brasil (do ano de 2004) escolheu construir sobre si mesmo.

Conclui-se, portanto, que o filme *Olga* é um recurso pedagógico valioso, desde que despido de sua aura de reconstituição fidedigna e assumido como o que de fato é: uma interpretação. O papel do professor, como mediador crítico (Pereira; Seffner, 2008), é

insubstituível para transformar o entretenimento em conhecimento e a emoção em pensamento histórico, capacitando os alunos a lerem não apenas o filme, mas o mundo em que vivem, de forma mais complexa e cidadã.

Referências

- ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. **Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- BALABAN, Marcelo. **O poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- CAIMI, Flávia Eloisa. **Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?** Anos 90, v. 15, n. 28, p. 129-150, 2008.
- CARR, Edward H. **Que é história?** Tradução de Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CARVALHO, Marieta Pinheiro de; ZAMPA, Vivian Cristina da Silva. **O Arquivo Nacional na “Sala de Aula”: fontes históricas na construção do conhecimento**. Revista História Hoje, v. 6, n. 12, p. 35-54, 2017.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil. Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro, v. 16, n. 29, p. 55–74, 2007.
- CAZETTA, F. A. **Política e religião nos projetos de Gustavo Barros para a Ação Integralista Brasileira**. Cadernos do Tempo Presente, v. 1, p. 1-15, 2014.
- CAZETTA, F. A. **Análise sobre formas estratégicas nos discursos fascistas e do integralismo de Plínio Salgado**. Temáticas (UNICAMP), v. 1, p. 145-180, 2012.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar e aprender história: formação, saberes e práticas educativas**. Campinas: Alínea, 2009.
- HACHMANN, Juliana. **Imprensa64.pro.br – Uma proposta de investigação histórica escolar sobre o golpe de Estado de 1964 por meio da imprensa**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), 2016.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MONJARDIM, Jayme (Dir.). **Olga [filme]**. Produção: Globo Filmes. Brasil: Globo Filmes, 2004.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **Um modernismo, duas ditaduras: a vertente conservadora do modernismo brasileiro e as políticas culturais autoritárias ao longo do século XX**. ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte, Uberlândia, v. 25, p. 200-221, 2023.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula**. Revista Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

QUILLICI, Mariana Bisaio. **Epístolas do amor e da guerra: o espaço biográfico nas cartas de Olga Benário**. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.115>.

SILVA, Giselda Brito. **O Estado Novo e a política educativa colonial destinada à população 'indígena' (1940-60)**. Cadernos da África Contemporânea, v. 2, p. 132-151, 2019.

SILVA, Giselda Brito. **O político e o religioso: a relação do integralismo com o catolicismo nos anos 1930**. Agenda Social (UENF), v. 12, p. 86-103, 2019.

SILVA, Giselda Brito. **A interpretação na história: um depoimento sobre a experiência de pesquisa acerca do Integralismo**. Antíteses (Londrina), v. 3, p. 1115-1131, 2010.

SILVA, Giselda Brito. **No entre guerras, a situação dos integralistas na implantação do Estado Novo de Getúlio Vargas**. Projeto História (PUC-SP), v. 1, n. 30, p. 229-241, 2005.

SILVA, Giselda Brito. **Análise de discursos que legitimaram o Estado Novo: o caso da Intentona Integralista.** Ariús (UFPB), UFPB - Centro de Humanidades, v. 1, p. 55-65, 2002.

TAL, Tzvi. **Olga Benario Prestes: The Cinematic Martyrdom of a Revolutionary Jewish Woman and the Reconstruction of National Identity in Luiz Inácio "Lula" da Silva's Brazil.** Women in Judaism: A Multidisciplinary e-Journal, Sapir College, 2012.

VERONA, Priscilla. **O uso de jornais do século XIX na sala de aula: uma fonte histórica para entender o Brasil Império.** Revista Brasileira de Educação Básica, 2018. Disponível em:

<https://reducacaobasica.com.br/2018/04/01/o-uso-de-jornais-do-seculo-xix-na-sala-de-aula-uma-fonte-historica-para-entender-o-brasil-imperio/>. Acesso em: 25 set. 2024.